

JULIO CORTÁZAR

As Armas Secretas



cavalo de ferro

CARTAS DA MAMÃ

Podia muito bem chamar-se liberdade condicional. De cada vez que a porteira lhe entregava um envelope, bastava a Luis reconhecer o minúsculo rosto familiar de José de San Martín para compreender que mais uma vez tinha de atravessar a ponte. San Martín, Rivadavia, mas esses nomes eram também imagens de ruas e de coisas, Rivadavia a seis mil e quinhentos, o casarão de Flores, mamã, o café de San Martín e Corrientes, onde por vezes os amigos o esperavam, onde o mazagrã tinha um ligeiro aroma a óleo de ricino. Com o envelope na mão, depois do *Merci bien, madame Durand*, sair para a rua já não era o mesmo que no dia anterior, que todos os dias anteriores. Cada carta da mamã (mesmo antes daquilo que acabara de acontecer, daquele absurdo erro ridículo) alterava de repente a vida de Luis, devolvia-o ao passado como um forte ressalto na bola. Ainda antes daquilo que acabara de ler — e que relia agora no autocarro entre o enfurecido e o perplexo, sem se deixar convencer —, as cartas da mamã eram sempre uma mudança no tempo, um pequeno escândalo inofensivo dentro da ordem das coisas que Luis tinha desejado, traçado e conseguido, alcançando-o na sua vida como tinha alcançado Laura na sua vida e Paris na sua vida. Cada nova carta insinuava por um momento (porque depois ele esquecia-as no próprio acto de lhes responder carinhosamente) que a sua liberdade duramente conquistada, essa nova vida recortada com ferozes golpes de tesoura na madeixa de lã a que outros tinham chamado a sua vida, parava de se justificar, perdia o pé, desvanecia-se como o fundo das ruas, enquanto o autocarro acelerava ao longo da rue de Richelieu. Não lhe restava mais do que uma tola liberdade condicional, o ridículo

de viver como uma palavra entre parênteses, divorciada da frase principal, da qual, contudo, é quase sempre sustento e explicação. E inquietação, e uma necessidade de responder de imediato, como quem volta a fechar uma porta.

Essa manhã tinha sido uma das muitas manhãs em que chegava uma carta da mamã. Com Laura, falava pouco do passado, quase nunca do casarão de Flores. Não é que Luis não gostasse de se recordar de Buenos Aires. Mas tratava-se antes de evitar nomes (as pessoas, evitadas há já tanto tempo, mas os nomes, os verdadeiros fantasmas que são os nomes, essa duração obstinada). Um dia tinha ganhado coragem para dizer a Laura: «Se se pudesse rasgar e apagar o passado, como o esboço de uma carta ou de um livro. Mas fica sempre ali, a rasurar a cópia branca, e eu acho que isso é o verdadeiro futuro.» Na realidade, porque não haveriam de falar sobre Buenos Aires, onde vivia a família, de onde os amigos de quando em vez enviavam postais enfeitados com frases carinhosas? E a gravação de *La Nación* com os sons de tantas senhoras entusiastas, essa sensação de já lido, de para quê. E de quando em vez uma qualquer crise de gabinete, um qualquer coronel chateado, um qualquer pugilista magnífico. Porque não haveria de falar sobre Buenos Aires com Laura? Mas ela também não voltava atrás no tempo, só se calhasse em alguma conversa, e sobretudo quando chegavam cartas da mamã soltava um nome ou uma imagem, quais moedas fora de circulação, objectos de um mundo caduco na distante margem do rio.

– *Eh oui, fait lourd* – disse o trabalhador sentado à sua frente.

«Se soubesse o que é o calor», pensou Luis. «Se pudesse andar numa tarde de Fevereiro pela avenida de Mayo, por alguma pequena rua de Liniers.»

Voltou a tirar a carta do envelope, sem ilusões: o parágrafo estava ali, bem claro. Era perfeitamente absurdo, mas estava ali. A sua primeira reacção, depois da surpresa, do golpe em plena nuca, era como sempre de defesa. Laura não devia ler a carta da mamã. Por mais ridículo que fosse o erro, a confusão de nomes (a mamã tinha querido escrever «V́ctor» e tinha escrito «Nico»); de qualquer dos modos Laura preocupar-se-ia, seria idiota. De quando em vez perdem-se

cartas; oxalá esta tivesse ido parar ao fundo do mar. Agora tinha de a atirar para a sanita do escritório, e certamente passados uns dias Laura surpreender-se-ia: «Que estranho, não chegou a carta da tua mãe». Nunca dizia da *tua mamã*, talvez porque tivesse perdido a sua ainda em criança. Então ele responderia: «É verdade, é estranho. Vou escrever-lhe umas linhas hoje mesmo», e enviá-las-ia, espantando-se com o silêncio da mamã. A vida continuaria igual, o escritório, o cinema à noite, Laura sempre tranquila, bondosa, atenta aos seus desejos. Ao descer do autocarro na rue de Rennes perguntou a si mesmo bruscamente (não era uma pergunta, mas como dizê-lo de outro modo) porque não queria mostrar a Laura a carta da mamã. Não era por ela, pelo que ela pudesse sentir. Não dava grande importância ao que ela pudesse sentir desde que o dissimulasse. (Não dava grande importância ao que ela pudesse sentir desde que o dissimulasse?) Não, não dava grande importância. (Não dava grande importância?) Mas a primeira verdade, supondo que houvesse outra por trás, a verdade mais imediata, por assim dizer, era que se importava com a cara que Laura faria, com a atitude de Laura. E importava-se consigo, naturalmente, pelo efeito que teria sobre si a forma como Laura se importaria com a carta da mamã. Os seus olhos caíam em dada altura sobre o nome de Nico, e ele sabia que o queixo de Laura começaria a tremer ligeiramente, e depois Laura diria: «Mas que estranho... O que se terá passado com a tua mãe?» E ele saberia durante todo aquele tempo que Laura se continha para não gritar, para não esconder entre as mãos um rosto desfigurado já pelo choro, pelo desenho do nome de Nico a tremer-lhe na boca.

Na agência de publicidade onde trabalhava como desenhador releu a carta, uma entre tantas cartas da mamã, sem nada de extraordinário, com exceção do parágrafo onde se tinha enganado no nome. Pensou se não poderia rasurar a palavra, substituir Nico por Víctor, substituir simplesmente o erro pela verdade e voltar para casa com a carta, para que Laura a lesse. As cartas da mamã interessavam sempre a Laura, embora de uma maneira indefinível não lhe fossem endereçadas. A mamã escrevia para ele; acrescentava no final, por vezes a meio da carta, cumprimentos muito carinhosos

para Laura. Não interessava, ela lia-as com o mesmo interesse, vacilando perante uma ou outra palavra já retorcida pelo reumatismo e a miopia. «Tomo *Saridon*, e o médico deu-me um pouco de salicilato...». As cartas ficavam pousadas dois ou três dias sobre a mesa de desenho; Luis teria querido deitá-las fora depois de lhes responder, mas Laura relia-as, as mulheres gostam de reler as cartas, olhar para elas de um lado e de outro, parecem extrair um segundo sentido de cada vez que nelas pegam e que para elas olham. As cartas da mamã eram breves, com notícias domésticas, uma ou outra referência à ordem nacional (mas essas coisas já se sabiam pelos telegramas do *Le Monde*, chegavam sempre tarde pela sua mão). Até se podia pensar que as cartas eram sempre a mesma, sucinta e medíocre, sem nada de interessante. O melhor da mamã era que nunca se tinha entregado à tristeza que lhe deveria provocar a ausência do filho e da nora, nem sequer à dor – tantos gritos, tantas lágrimas a princípio – pela morte de Nico. Nunca, nos dois anos em que habitavam em Paris, a mamã mencionara Nico nas suas cartas. Era como Laura, que também não falava nele. Nenhuma das duas o mencionava, e havia mais de dois anos que Nico tinha morrido. A repentina referência ao seu nome a meio da carta era um quase escândalo. Desde logo o simples facto de o nome de Nico surgir, de repente, numa frase, com o *N* maiúsculo e trémulo, o *o* com uma cauda torcida; mas era pior, porque o nome se encontrava numa frase incompreensível e absurda, em algo que não podia ser outra coisa senão um anúncio de senilidade. De repente, a mamã perdia a noção do tempo, imaginava que... O parágrafo seguia-se a um breve aviso de recepção de uma carta de Laura. Apenas um ponto marcado com a ténue tinta azul comprada no armazém do bairro e à queima-roupa: «Esta manhã Nico perguntou por vocês.» O resto continuava como sempre: a saúde, a prima Matilde tinha caído e deslocara uma clavícula, os cães estavam bem. Mas Nico tinha perguntado por eles.

Na realidade teria sido fácil trocar Nico por Víctor, que era quem, sem dúvida, tinha perguntado por eles. O primo Víctor, sempre tão atencioso. Víctor tinha mais duas letras que Nico, mas com uma borracha e habilidade podiam-se trocar os nomes. Esta manhã, o Víctor

perguntou por vocês. Tão natural que Víctor tivesse passado para visitar a mamã e lhe perguntasse pelos ausentes.

Quando regressou para o almoço, trazia a carta intacta no bolso. Continuava disposto a não dizer nada a Laura, que o esperava com o seu sorriso afável, o rosto que parecia ter-se tornado um pouco impreciso desde os tempos de Buenos Aires, como se o ar cinzento de Paris lhe retirasse o calor e o relevo. Já se encontravam há mais de dois anos em Paris, tinham deixado Buenos Aires apenas dois meses após a morte de Nico, mas na realidade Luis tinha-se considerado ausente desde o próprio dia do seu casamento com Laura. Certa tarde, depois de falar com Nico, que já estava doente, tinha jurado a si mesmo fugir da Argentina, do casarão de Flores, da mamã e dos cães e do seu irmão (que já estava doente). Naqueles meses tudo tinha girado em torno dele como as figuras de um baile: Nico, Laura, a mamã, os cães, o jardim. A sua jura fora o gesto brutal de alguém que despedaça uma garrafa na pista de dança, interrompe o baile com um dispersar de vidros partidos. Tudo tinha sido brutal por esses dias: o seu casamento, a partida sem cerimónias nem considerações para com a mamã, o esquecimento de todas as obrigações sociais, dos amigos entre surpreendidos e desiludidos. Não se tinha importado com nada, nem sequer com a tentativa de protesto de Laura. A mamã ficava sozinha no casarão, com os cães e com os frascos de remédios, com a roupa de Nico ainda pendurada num roupeiro. Que ficasse, que fossem todos para o inferno. A mamã parecia ter compreendido, já não chorava por Nico e andava como antes pela casa, com a fria e decidida recuperação dos velhos face à morte. Mas Luis não queria lembrar-se do que fora a tarde de despedida, das malas, do táxi à porta, da casa, ali, com toda a sua infância, do jardim onde Nico e ele tinham brincado às guerras, dos dois cães indiferentes e estúpidos. Agora era quase capaz de se esquecer de tudo isso. Ia à agência, desenhava cartazes, regressava a casa para comer, tomava a chávena de café que Laura lhe entregava sorrindo. Iam muito ao cinema, muito aos bosques, conheciam cada vez melhor

Paris. Tinham tido sorte, a vida era surpreendentemente fácil, o trabalho suportável, a zona onde viviam era bonita, os filmes eram excelentes. Então chegava uma carta da mamã.

Não as detestava; se lhe faltassem teria sentido cair sobre si a liberdade como um peso insuportável. As cartas da mamã traziam consigo um perdão tácito (mas não havia nada para lhe perdoar), estendiam a ponte por onde era possível continuar a passar. Cada uma delas tranquilizava-o ou inquietava-o sobre a saúde da mamã, recordava-lhe a economia familiar, a permanência de uma ordem. E ao mesmo tempo odiava essa ordem e odiava-a por Laura, porque Laura estava em Paris, mas cada carta da mamã definia-a como alheia, como cúmplice dessa ordem que ele repudiara certa noite no jardim, depois de ouvir mais uma vez a tosse abafada, quase humilde de Nico.

Não, não lhe mostraria a carta. Era ignóbil substituir um nome por outro, era intolerável que Laura lesse a frase da mamã. O seu erro grotesco, a sua tonta idiotice de um instante — via-a a lutar com uma caneta velha, com o papel que se prendia, com a sua vista insuficiente —, germinaria em Laura como uma semente fácil. Era melhor deitar a carta fora (deitou-a fora nessa mesma tarde) e à noite ir ao cinema com Laura, esquecer o quanto antes que Víctor tinha perguntado por eles. Embora fosse Víctor, o primo tão bem educado, esquecer-se que Víctor tinha perguntado por eles.

Diabólico, escondido, lambendo os lábios, Tom esperava que Jerry caísse na armadilha. Jerry não caiu, e abateram-se sobre Tom inúmeras catástrofes. Depois Luis comprou gelados, comeram-nos enquanto viam distraidamente os anúncios coloridos. Quando começou o filme, Laura afundou-se um pouco mais na sua poltrona e retirou a mão do braço de Luis. Ele sentia-a novamente distante, quem sabe se o que viam juntos ainda significava a mesma coisa para os dois, embora mais tarde comentassem o filme na rua ou na cama. Perguntou a si mesmo (não era uma pergunta, mas como dizê-lo de outro modo) se Nico e Laura tinham estado assim distantes nos cinemas, quando Nico lhe fazia carícias e saíam juntos. Provavelmente tinha visitado todos os cinemas de Flores, a praceta estúpida

da rua Lavalle, o leão, o atleta que bate no gongo, as lendas em castelhano de Carmen de Pinillos, as personagens deste filme são fictícias e qualquer relação... Então, quando Jerry escapava a Tom e começava a hora de Barbara Stanwyck ou de Tyrone Power, a mão de Nico pousar-se-ia devagar na coxa de Laura (pobre Nico, tão tímido, tão romântico), e os dois sentir-se-iam culpados sabe-se lá de quê. Bem constava a Luis que não tinham sido culpados de nada definitivo; embora não tivesse tido a mais deliciosa das provas, o veloz desapareço de Laura por Nico tinha sido suficiente para ver nesse noivado uma mera simulação urdida pelo bairro, pela vizinhança, pelos círculos culturais e recreativos que são o sal de Flores. Tinha bastado o capricho de ir certa noite à mesma sala de baile que Nico frequentava, o acaso de uma apresentação fraternal. Talvez por isso, pela facilidade do começo, tudo o resto tinha sido inesperadamente duro e amargo. Mas não queria recordá-lo agora, a brincadeira tinha acabado com a suave derrota de Nico, o seu melancólico refúgio numa morte de tísico. O estranho era que Laura nunca proferia o seu nome, e por isso também ele não o proferia, pois Nico nunca fora sequer o defunto, nem sequer o cunhado morto, o filho da mamã. A princípio trouxera-lhe um certo alívio, depois da troca turva de censuras, do pranto e dos gritos da mamã, da estúpida intervenção do tio Emilio e do primo Víctor (Víctor perguntou esta manhã por vocês), o casamento apressado e sem mais cerimónias do que um táxi chamado por telefone e três minutos diante de um funcionário com caspa na lapela. Refugiados num hotel de Adrogué, longe da mamã e de toda a parentela desacorrentada, Luis tinha-se sentido agradecido por Laura jamais fazer referência ao pobre fantoche que tão vagamente passara de noivo a cunhado. Mas agora, com um mar de permeio, com a morte e dois anos de permeio, Laura continuava sem proferir o seu nome, e ele colava-se ao seu silêncio por cobardia, sabendo que, no fundo, esse silêncio o insultava pelo que tinha de censura, de arrependimento, de algo que começava a parecer-se com traição. Tinha referido expressamente Nico mais de uma vez, mas compreendia que isso não contava, que a resposta de Laura tendia simplesmente a desviar a conversa. Um lento território

proibido tinha-se formado pouco a pouco na sua linguagem, isolando-os de Nico, envolvendo o seu nome e a sua recordação num algodão manchado e pegajoso. E do outro lado a mamã fazia o mesmo, maquinava inexplicavelmente no silêncio. Todas as cartas falavam dos cães, de Matilde, de Víctor, do salicilato, do pagamento da pensão. Luis esperava que a mamã fizesse alusão ao filho para se aliar a ela contra Laura, obrigar carinhosamente Laura a aceitar a existência póstuma de Nico. Não porque fosse necessário, não se importava nada com Nico morto ou vivo, mas a tolerância da sua recordação no panteão do passado teria sido a obscura, irrefutável prova de que Laura o tinha esquecido verdadeiramente e para sempre. Chamado à plena luz do seu nome, o íncubo ter-se-ia desvanecido, tão débil e inane como quando pisava a terra. Mas Laura continuava a não referir o nome de Nico, e sempre que não o referia, no preciso momento em que teria sido natural que o dissesse e precisamente o calava, Luis sentia de novo a presença de Nico no jardim de Flores, ouvia a sua tosse discreta, enquanto preparava o mais perfeito presente de casamento imaginável, a sua morte, em plena lua-de-mel daquela que fora sua noiva, daquele que fora seu irmão.

Uma semana mais tarde Laura mostrou-se surpreendida por não ter chegado a carta da mamã. Trocaram as hipóteses habituais e Luis escreveu-lhe nessa mesma tarde. A resposta não o preocupava muito, mas tinha desejado (sentia-o ao descer as escadas pela manhã) que a porteira lhe desse a ele a carta em vez de a levar ao terceiro andar. Quinze dias mais tarde reconheceu o envelope familiar, o rosto do almirante Brown e uma paisagem das cataratas do Iguaçu. Guardou o envelope antes de sair para a rua e responder ao cumprimento de Laura assomada à janela. Pareceu-lhe ridículo ter de dobrar a esquina antes de abrir a carta. *Boby* tinha-se escapulido para a rua e uns dias depois tinha começado a coçar-se, contagiado por um qualquer cão com sarna. A mamã ia consultar um veterinário amigo do tio Emilio, porque não queria que *Boby* contagiasse *Negro*. O tio Emilio achava que lhes devia dar banho com creolina, mas ela

já não estava para esses trabalhos e seria melhor que o veterinário receitasse algum pó insecticida ou algo para misturar na comida. A senhora do lado tinha um gato com sarna, vá-se lá saber se os gatos não eram capazes de contagiar os cães, mesmo que fosse através das redes. Mas o que é que lhes ia interessar essas conversas de velha, ainda que Luis sempre tivesse sido muito carinhoso com os cães e em criança até dormisse com um aos pés da cama, ao contrário de Nico, que não gostava muito. A senhora do lado aconselhava-a a despejar DDT por cima deles porque podia não ser sarna, os cães apanham todo o tipo de doenças quando andam pela rua; na esquina de Bacacay estava parado um circo com animais estranhos e se calhar havia micróbios no ar e coisas dessas. A mamã não ganhava para os sustos, entre o rapaz da modista que tinha queimado o braço com leite a ferver e *Boby* com sarna.

Depois havia como que uma estrelinha azul (a pequena caneta que se prendia no papel, a exclamação de enfado da mamã) e depois umas reflexões melancólicas sobre o quão sozinha ficaria se Nico também partisse para a Europa como parecia, mas era esse o destino dos velhos, os filhos são andorinhas que um dia partem, há que resignar-se enquanto o corpo vai andando. A senhora do lado...

Alguém empurrou Luis, soltou-lhe uma rápida declaração de direitos e obrigações com pronúncia marselhesa. Compreendeu vagamente que estava a estorvar a passagem das pessoas que entravam para o estreito corredor do *métro*. O resto do dia foi igualmente vago, telefonou a Laura para lhe dizer que não iria almoçar, passou duas horas num banco de uma praça a reler a carta da mamã, perguntando a si mesmo o que deveria fazer perante tal insanidade. Falar com Laura, antes de mais. Porquê (não era uma pergunta, mas como dizê-lo de outro modo) continuar a esconder de Laura o que se estava a passar. Já não podia fingir que esta carta se tinha perdido como a outra, já não podia acreditar que a mamã se tinha enganado e escrito Nico em vez de Víctor, e era tão penoso que estivesse a ficar caduca. Decididamente aquelas cartas eram Laura, eram o que ia acontecer a Laura. Nem sequer isso: eram o que já tinha acontecido desde o dia do seu casamento, a lua-de-mel em Adrogué,

as noites em que se tinham desejado desesperadamente no barco que os trouxera para França. Tudo era Laura, tudo ia ser Laura agora que Nico queria vir para a Europa no delírio da mamã. Cúmplices como nunca, a mamã estava a falar de Nico a Laura, estava a anunciar-lhe que Nico ia chegar à Europa e dizia-o assim, Europa e nada mais, sabendo tão bem que Laura compreenderia que Nico ia desembarcar em França, em Paris, numa casa onde se fingia primorosamente tê-lo esquecido, coitado.

Fez duas coisas: escreveu ao tio Emilio assinalando-lhe os sintomas que o preocupavam e pedindo-lhe que visitasse imediatamente a mamã para se certificar e tomar as medidas adequadas. Bebeu um conhaque a seguir ao outro e foi a pé até sua casa para pensar pelo caminho no que deveria dizer a Laura, porque ao fim e ao cabo tinha de falar com Laura e pô-la ao corrente. De rua em rua foi sentindo como lhe custava situar-se no presente, no que teria de acontecer meia hora mais tarde. A carta da mamã enfiava-o, afogava-o na realidade daqueles dois anos de vida em Paris, a mentira de uma paz traficada, de uma felicidade das portas para fora, sustentada por diversões e espectáculos, de um pacto de silêncio involuntário em que os dois se afastavam pouco a pouco como acontece em todos os pactos negativos. Sim, mamã, sim, pobre *Boby* com sarna, mamã. Pobre *Boby*, pobre Luis, quanta sarna, mamã. Um baile do clube de Flores, mamã, fui porque ele insistiu, imagino que queria exibir a sua conquista. Pobre Nico, mamã, com essa tosse seca em que, contudo, ninguém acreditava, com essa roupa aos quadrados, esse penteado cheio de brilhantina, essas gravatas de fibra tão presunçosas. Conversa-se um pouco, simpatiza-se, porque não dançar essa música com a noiva do irmão, oh, noiva é dizer muito, Luis, suponho que posso chamar-lhe Luis, certo? Mas sim, admiro-me que Nico não a tenha levado a nossa casa, vai cair tão bem à mamã. Este Nico é mais lento, pois ainda nem sequer falou com o seu papá. Tímido, sim, sempre foi assim. Como eu. De que se ri, não acredita em mim? Mas se eu não sou o que pareço... É verdade que está calor? A sério, tem de ir lá a casa, a mamã vai ficar muito contente. Vivemos só os três, com os cães. Nico, mas é uma vergonha, tinhas escondido isto,

malandro. Entre nós somos assim, Laura, dizemos cada coisa. Com a tua licença, vou dançar este tango com a senhorita.

Tão pouca coisa, tão fácil, tão verdadeiramente brilhantina e gravata de fibra. Ela tinha acabado com Nico por engano, por cegueira, porque o irmão tinha sido capaz de ganhar por arrebatamento e dar-lhe a volta à cabeça. Nico não joga ténis, que vá jogar, ninguém o consegue arrancar ao xadrez e à filatelia, por isso, faça-me o favor. Calado, tão pouca coisa, o coitado, Nico ia ficando para trás, perdido num recanto do pátio, consolando-se com o xarope peitoral e o mate amargo. A altura em que caiu de cama e lhe ordenaram repouso coincidiu precisamente com um baile em Gimnasia y Esgrima de Villa del Parque. Não é coisa que se queira perder, principalmente quando Eduardo Donato vai tocar e a coisa promete. Parecia tão bem à mamã que ele tivesse ido passear com Laura, tinha-lhe caído que nem uma filha, mal a levaram uma tarde lá a casa. Preste bem atenção, mamã, o miúdo está fraco e é capaz de lhe fazer impressão se alguém lhe contar. Os doentes como ele imaginam cada coisa, decerto vai acreditar que me estou a meter com Laura. É melhor que não saiba que vamos a Gimnasia. Mas eu não disse isso à mamã, ninguém da casa se apercebeu que andávamos juntos. Até o doente melhorar, claro. E assim o tempo, os bailes, dois ou três bailes, as radiografias de Nico, depois o automóvel do pequeno Ramos, a noite de farra em casa da Beba, os copos, o passeio de carro até à ponte do riacho, uma lua, essa lua como uma janela de hotel lá em cima e Laura no automóvel a negar-se, um pouco tocada pela bebida, as mãos hábeis, os beijos, os gritos abafados, o cobertor de vicunha, o regresso em silêncio, o sorriso de perdão.

O sorriso era quase o mesmo quando Laura lhe abriu a porta. Havia carne assada, salada, um pudim flã. Às dez chegariam uns vizinhos, que eram os seus companheiros de canasta. Muito tarde, enquanto se preparavam para dormir, Luis sacou da carta e colocou-a sobre a mesa-de-cabeceira.

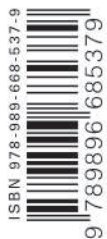
— Não te falei antes porque não te queria preocupar. Parece-me que a mamã...

Uma mulher que aceita ir a um funeral representar o papel de mãe do falecido. Um homem perdido entre a realidade e o que vê através de uma bola de cristal. Um saxofonista brilhante a tentar descobrir se consegue viver sem que a sua própria música o consuma. Julio Cortázar, que encontrava nos contos um dos mais perfeitos veículos para a sua prodigiosa imaginação, juntou em *Armas Secretas* algumas das suas mais importantes criações narrativas.

Volume que inclui, entre outros, os célebres contos *As Babas do Diabo*, adaptado ao cinema por Michelangelo Antonioni no filme *Blow-up – História de um Fotógrafo*, e *O Perseguidor*, sobre os derradeiros dias de vida do músico Charlie Parker, que o próprio autor considerou ser um dos momentos de definição da sua carreira.

«Cortázar deriva com tanta naturalidade no absurdo, sem nunca perder o pé na verosimilhança, que nós, leitores, desistimos rapidamente de questionar o sentido ou a possibilidade. Fruímos apenas.»

João Morales, *Jornal Sol*



cavalo de ferro